

Os ‘desigrejados’ celebrando trajetórias e memórias da justiça e da esperança em rituais de resistência¹

Tânia Nazarena de Oliveira Miranda, UFPA/Pará.
Dilma de Oliveira Leão, FICS/Paraguai.

RESUMO

O artigo apresenta três grupos: Cebi, Comitê Dorothy e Fraternidade Emaús, que desde a sua inauguração cultuam a memória dos mártires e defensores dos direitos humanos na Amazônia, mais especificamente no estado do Pará. Os grupos são formados desde o seu nascimento na perspectiva da teologia da libertação e que seguem suas lideranças e assim, permanecem com uma ruptura política e uma ruptura epistemológica em suas práxis libertadoras. Ambos atuam no campo e na cidade e se identificam como ‘desigrejados’, sejam eles católicos, evangélicos ou protestantes. Descreve-se no texto a junção destes grupos em rituais de protesto e memória, anunciando o Deus da vida, da paz, da solidariedade, da fraternidade-sororidade em meio às injustiças, violência estrutural e a natureza desprezada pelo desenvolvimento técnico científico da modernidade e pelo clericalismo neopentecostal em alta.

Palavras - Chave: Desigrejados; resistência; rituais.

INTRODUÇÃO

O número de lideranças que se intitulam “desigrejados” aumentou significativamente nos últimos 20 anos. O Brasil continua sendo a maior nação católica do mundo (IBGE, 2022) mas, na última década, a Igreja teve uma redução da ordem de 1,7 milhão de fiéis, um encolhimento de 12,2%. A tendência de redução dos católicos e de expansão das correntes evangélicas era algo esperado, mas pela primeira vez o Censo detectou uma queda em números absolutos, apontando avanço de um tipo de fundamentalismo religioso. Antes do levantamento de 2010, o quadro era apenas de crescimento de católicos em ritmo cada vez menor. Mantida essa tendência, em no máximo 30 anos, católicos e evangélicos estarão empatados em tamanho na população.

Os números mostram uma redução acentuada de poder da Igreja Católica no país nas últimas décadas, com mudança lenta entre 1872 a 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século; tornando-se acelerada nos últimos 20 anos, quando a retração foi de 22%, causando grande impacto na Igreja

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

Católica, pois, se em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, em 2010 essa fatia passou para 64,6%.

Quem mais cresce são os evangélicos, que, nesses quarenta anos saltaram de 5,2% da população para 22,2%. O aumento desse segmento foi puxado pelos pentecostais, ou como alguns especificam, pelos neopentecostais, que se disseminaram pelo país na esteira das migrações internas. A população que se deslocou era, sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica.

Esse vácuo da Igreja Católica é comparado a um transatlântico devido ao tamanho de sua estrutura burocrática. Para os evangélicos neopentecostais ‘não existe espaço vazio’, que se explica, em primeiro lugar, pelo tempo de formação dos padres, ao contrário da formação dos pastores, que ocorre em um tempo de 3 meses. Em segundo lugar há a entrada maciça dos pentecostais na política, criando uma bancada forte no parlamento, com programas sociais e convênios com o estado nas periferias. E onde há a ausência do estado e da Igreja Católica, os pentecostais atuam como guias espirituais e como figuras centrais do assistencialismo, a exemplo da Igreja Assembleia de Deus, que prega valores morais rígidos às famílias, acompanhado pela teologia da prosperidade, liderando com número de 12 milhões de fiéis.

O declínio da Igreja Católica combina perfeitamente o crescente clericalismo religioso, fundamentado em uma concepção essencialista, espiritualizada e hierarcológica de igreja, representando o núcleo central de todos os entraves institucionais, aquela fundamental “estrutura caduca” que não favorece a transmissão da fé (DAp365) e que constitui a principal instância que se opõe à proposta da igreja sinodal. (Matinez, 2020, p. 05). Em nosso entendimento o clericalismo é atualmente a maior imprecisão que corrompe e alimenta o narcisismo e a paralisia eclesial.

Não se trata de um clericalismo presente no corpo ministerial dos bispos, dos padres e dos diáconos, mas é uma mentalidade incutida do povo atuante nas pastorais e comunidades de base a encarnar a figura do clérigo. Em uma certa comunidade na periferia de Belém, todas as mulheres do Apostolado de Oração foram ‘ordenadas’ Ministras da Eucaristia, e assim se vestem com todo o ‘rigor’ litúrgico em cumprimento ritualístico, em particular a eucaristia católica.

Além da mentalidade clerical, os católicos se envolvem em práticas que incluem experiências que os crentes consideram dons do Espírito Santo, como falar em línguas,

cura divina, exorcismos; receber revelações diretas de Deus e dar ou interpretar profecias. São práticas semelhantes aos cultos pentecostais, e muitas vezes se autodenominam carismáticos, palavra grega que significa dádiva ou favor.

Trazemos neste artigo, três grupos que nos últimos vinte anos tem agregado pessoas, militantes, ex-padres, ex-freiras, ex-pastoralistas e admiradores do trabalho, da missão, do compromisso do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), do Comitê Dorothy e da Fraternidade Emaús, estes nasceram em contextos dos anos 1980, em tempos de conflitos por terras, luta por direitos humanos, desconstrução de leituras fundamentalistas da bíblia, entre outros momentos que marcaram a sociedade brasileira. São grupos que fogem dos rituais de louvores, da leitura fundamentalista da bíblica, dos rigores litúrgicos. São grupos formados por pessoas que se intitulam ‘desigrejados’, ou seja, que se encontram fora das estruturas de suas igrejas, este fora, seja pelo “desencantamento” ou pela própria expulsão por parte da hierarquia de suas igrejas.

Realizamos entrevistas, observações e participamos ativamente da elaboração das celebrações, das articulações das atividades pautadas para o cotidiano da vida no Brasil e Amazônia. Identificamos que quase todos têm parte ativa, criativa e inovadora em movimentos eclesiais, cursos bíblicos, cursos de verão, movimento catequético, fé e política, vinculados aos teólogos da libertação e teólogas feministas de reconhecimento no Brasil e fora do país.

1-OS CAMINHOS SE ENTRECruzAM...

O Comitê DOROTHY, existe há 19 anos, foi criado no ensejo do assassinato, em 2005, da missionária Dorothy Stang, fundadora do Projeto de Desenvolvimento Sustentável-PDS na cidade de Anapu, localizada ao norte do Brasil, no Estado do Pará, pertencente à região intermediária e imediata de Altamira, e situa-se a 374 km de Belém. Dorothy era considerada uma representatividade feminina entre os trabalhadores que se juntariam a ela na luta pela regularização dos PDS. Em decorrência da sua atuação política na região, discutindo questões como educação, infraestrutura e a questão da terra, através da formação dos PDS, a Religiosa sofreu ameaças contra a sua vida, até a sua morte por encomenda dos latifundiários locais. O Comitê Dorothy, a partir das manifestações, mobilizou-se para as atividades de julgamento, onde se fez representar em muitas atividades afins. Tem realizado ao longo desses anos o Ato/ Celebração Inter-religiosa no

dia 12 de fevereiro, e nos últimos 2 anos, vem fazendo uma movimentação mais ampliada, com a realização da 1ª Jornada Dorothy Stang, onde foi possível ter a noção da importância que o nome Dorothy representa.

A Fraternidade Emaús surgiu como um coletivo de cultivo a espiritualidade libertadora e o compromisso de lutar ao lado dos mais pobres, na alegria do Evangelho de Lucas, capítulo 24, versículos 13 a 35, ‘a caminho de Emaús’. Nasceu em 2017, a pedido de Pe. Bruno Sechi, fundador do Movimento República de Emaús, movimento com carisma e missão de "Lutar pela defesa e garantia dos direitos da criança e do adolescente em situação de risco pessoal e social e de exclusão social na região Amazônica". O MRE, completou 53 anos no dia 27 de maio de 2024. Foi também a partir dos 50 anos de vida sacerdotal de Pe. Bruno Sechi que realizamos a Celebração Inter-religiosa da Unidade pela Paz, desde 29 de junho de 2018. Até 2022 a Fraternidade reunia-se no último domingo do mês, no Movimento República do Emaús, mas com o falecimento de Pe. Bruno em 2020, o grupo foi se desarticulando, sendo finalizado em 2022.

O CEBI é o grupo mais antigo em relação aos dois grupos supracitados, é uma associação de direito privado sem fins lucrativos, de caráter religioso e ecumênico desde sua fundação Nacional em 1979. Sua atuação e missão é estimular pessoas ao estudo da Bíblia através do método da Leitura Popular, levando sempre em consideração a realidade, o texto bíblico e a comunidade. No Pará, ao longo de seus 39 anos, tem acompanhado as discussões relacionadas aos grandes empreendimentos de mercantilização dos recursos naturais com caráter autoritário, com grandes impactos ao meio ambiente e usurpação dos territórios de comunidades autóctones, sem o mínimo de respeito às práticas coletivas e ancestrais, como também, nenhuma garantia econômica e indenizatória. No CEBI é prioridade transmitir o valor da preservação da biodiversidade, pois é por meio dela que se fortalece a vida neste ecossistema planetário que envolve matas, florestas, rios, cachoeiras, ribeirinhos, quilombolas e populações originárias.

O histórico de cada grupo, demonstra que estão interligados a partir do contexto histórico dos anos 1970, 1980, 1990 quando a teologia da libertação, se encontrava na ação mediadora das pastorais e serviços das Igrejas comprometidas com esse tipo de teologia, ou seja, reatualizou os valores de uso da terra e, através da interpretação bíblica, deu legitimidade moral à mobilização dos trabalhadores “sem terra ou com pouca terra” (Iokoi, 1996) que, fortalecidos pela ideia, passaram a realizar ocupações transformadas

em acampamentos e, posteriormente, assentamentos e projetos de desenvolvimento sustentável cunhado pela Ir. Dorothy na região sudoeste do Pará .

A partir de 1930 a Igreja reata com o Estado e detém como principal objetivo reivindicar assistências aos seus colégios católicos – colégios estes mantidos para atender os que tinham posse na época. Neste período nasce a Ação Católica, ela motivou os leigos a participarem da hierarquia o que parecia importante, mas eram vigiados e controlados pela Igreja. Este tempo de Igreja serve para combater os seus inimigos como os liberais, a maçonaria, os protestantes, os comunistas (principalmente os sindicatos), a macumba, o espiritismo, etc. Tanto a Ação Católica como as ordens religiosas e os círculos operários atuaram no sentido assistencialista e espiritual. Realizaram grandes manifestações, congressos tudo com o devido controle do clero com objetivo principal de levar o povo para Cristo. (COMISSÃO REGIONAL DE EVANGELIZAÇÃO DA AMAZÔNIA, 2005, p. 5-27).

Os três grupos podem salientar que estão ligados a essas lideranças, o CEBI- Pará à Ir. Tea Frigério - teóloga feminista – italiana - hoje com 82 anos; ao Pe. Bruno Sechi salesiano/diocesano – italiano - faleceu aos 80 anos, em 2020 – vítima da COVID 19, e Ir. Dorothy Stang – norte-americana – assassinada em 2005 aos 73 anos.

No entanto, ressaltamos que a “causa” mobiliza a experiência ecumênica e o diálogo inter-religioso na Amazônia, se constituindo em algo conjuntural, talvez pelas condições históricas, a vivência, a resistência diante dos conflitos, em particular ‘por terras’, além das graves situações vividas por trabalhadores rurais, posseiros e peões explorados em seu trabalho, da situação das condições análogas ao trabalho escravo e outras questões sociais gravíssimas sobretudo na Amazônia, fez com que se fortalecesse entre nós, uma cultura de exigência do pluralismo religioso no âmbito das Igrejas cristãs e não cristãs.

Alguns momentos foram essenciais para esse diálogo ecumênico e inter-religioso citamos aqui: o Confronto em Eldorado dos Carajás em 1996, o assassinato da Ir. Dorothy Stang em 2005, os ambientalistas Zé Cláudio e Maria em 2011, Dom e Bruno Pereira em 2022, o Grito dos Excluídos, entre outros eventos que proporcionam o ‘encontro’ no sentido de articular e desempenhar categoricamente o apoio às lutas em defesa da vida e da Casa Comum.

2- DECEPÇÕES, ARGUMENTOS E REARRANJOS DOS ‘DESIGREJADOS’

Há diversas causas externas e internas que contribuem para explicar a aparente exclusão da instituição eclesiástica da vida religiosa moderna. Uma das causas são as divergências e divisões históricas do cristianismo. Ainda nos primeiros séculos, na mesma proporção em que a Igreja cristã se expandia, acabava por incorporar pessoas que vinham das mais diversas religiões e contextos culturais, abrindo espaço para correntes de pensamento diferentes, todos reivindicando ser o ‘correto’ entendimento do Cristianismo (Villaseñor, 2021).

Esse entendimento do ‘correto’ passou por variações, do crédito dado às lideranças religiosas com os seus carismas que se encontravam em cargos da hierarquia da igreja e por isso, congregavam milhares de pessoas nos seus trabalhos pastorais, como também o período de transferir o poder ao laicato junto às hierarquias. Quando falamos da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) que passou por esse estágio progressista, transferindo aos leigos o ‘poder’ de mediar por dentro das estruturas da igreja, não passou de ilusória a tentativa de mudar a hierarquia. Saindo das ilusões, a busca é essa relação sem mediações com o poder, com a Lei, com as escrituras radicalmente reticentes com qualquer mediação que se chame Igreja, hierarquia, hermenêutica bíblica, discernimento crítico, teológico, socioanalítico.

Desigrejado, neologismo para nomear pessoas que abandonaram suas igrejas templo, porém, continuam praticando sua fé. Pessoas que não aceitam mais participar de uma igreja elitista, seletista, que discrimina o ser humano em sua essência. Está limitada a rituais sofisticados no qual, a participação da assembleia é mínima, ou quase nula. Os rituais de uma celebração dentro de uma Igreja Católica se limitam em ministérios; música, equipe de liturgia, guardas, acólitos, arrumadores de altar, entre outros. Quem vai a uma celebração dentro do templo, não precisa fazer e nem falar nada. Tudo já está previamente determinado.

Segundo Campos (2014), os desigrejados não aceitam qualquer forma de igreja organizada e institucionalizada, uma vez que, segundo seus conceitos, Jesus também não organizou e nem construiu templos. Para eles, a igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários. Em seus relatos descrevem que um dos piores erros é a ineficiência da liderança eclesiástica, haja vista que a organização humana tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, prestado um desserviço ao Evangelho.

Os desigrejados são o “Povo de Deus”, o povo que está nas ruas, que passa fome, os que são expulsos de suas terras, que são discriminados por sua cor ou raça, os imigrantes, os LGBTQ+, as mulheres que sofrem a violência do patriarcado, as crianças sem acesso à educação, saúde e vida digna, os povos originários perseguidos e exterminados.

As observações sobre os grupos se alicerçam em: (1) participação e inserção nos processos do dia a dia destes grupos; (2) nos documentos disponíveis no acervo e sites e mídias dos próprios grupos; (3) no caso da Ir. Dorothy em matérias jornalísticas chamadas “investigativas”; e (4) em testemunhos de lideranças e participantes desses grupos que se dispuseram a responder as questões em situações que os afligem, enquanto pessoas que se “desencantaram” com o primeiro amor.

Para a pesquisa realizamos 20 entrevistas pessoalmente, outras via whatsapp e algumas por e-mails. Para compreender a categoria “desigrejado” e suas justificativas, foram elaboradas duas questões que nortearam a pesquisa: Qual o principal motivo de seu afastamento das estruturas da “sua” Igreja? E qual a sua principal motivação para ainda manter o vínculo com alguns setores vinculados à mesma Igreja?

O quadro 1, a seguir, compõe a lista de participantes que conseguimos alcançar para esta etapa da pesquisa. Para preservar a identidade dos sujeitos, nos referiremos a eles como Entrevistados de 1 ao 20, mas optamos por incluir as profissões e os grupos ao qual participam.

Quadro 1: Lista de participantes dos grupos

Entrevistado	Cristão de tradição	Profissão	Grupo
Entrevistado 01	Católica	Advogada	Comitê Dorothy
Entrevistado 02	Católica	Assistente social	Fraternidade
Entrevistado 03	Católica	Historiador	Fraternidade
Entrevistado 04	Católica	Geógrafa e Pedagoga	Comitê Dorothy e Fraternidade
Entrevistado 05	Católica	Letrada	Comitê Dorothy
Entrevistado 06	Católica	Educação física e biblista	CEBI
Entrevistado 07	Católica	Gráfica	CEBI
Entrevistado 08	Católico	Geógrafo	Comitê Dorothy e Fraternidade
Entrevistado 09	Católica	Advogada	Fraternidade
Entrevistado 10	Católica	Pedagoga	Comitê Dorothy
Entrevistado 11	Católica	Geógrafa	Comitê Dorothy
Entrevistado 12	Batista	Biblista	CEBI
Entrevistado 13	Metodista	Antropóloga	CEBI, Comitê Dorothy Fraternidade Emaús
Entrevistado 14	Católico	Sociólogo	Nenhum

Entrevistado 15	Católico	Psicólogo	Fraternidade Emaús
Entrevistado 16	Católico	Psicóloga	Fraternidade Emaús
Entrevistado 17	Luterano	Administrador	Fraternidade Emaús
Entrevistado 18	Católica	Sociólogo	CEBI
Entrevistado 19	Presbiteriana	Bancário	CEBI
Entrevistado 20	Espírita	Gestor Ambiental	Comitê Dorothy

Fonte: Tânia Miranda, mai., 2024.

De acordo com o levantamento exposto no quadro e outros dados da pesquisa, a grande maioria dos entrevistados são de tradição católica, e circulavam pelos mesmo eventos e ações patrocinados pela ICAR, participavam nas equipes pastorais de catequese, liturgias, juventude, estudos bíblicos; e pastorais sociais, residiam nas periferias e interiores do Estado do Pará passando por privações econômicas e sociais, sendo a maior parte com nível superior e com estabilidade financeira.

Por essas questões buscou-se compreender as razões em que desigrejados se intitulam dessa maneira e por isso, se juntam a grupos alternativos. Para o ex-pastor da Igreja Batista, biblista e assessor do CEBI - Pará, que está afastado desde 2001, a priori, por 6 meses, devido as pregações muito progressistas na Igreja. Saiu para o doutoramento em Jerusalém e quando retornou não conseguiu se inserir. O ‘primeiro amor’ foi afetado pela hierarquia e atualmente faz duras críticas a igreja, assim assinalando as suas decepções,

Eu penso sobre o futuro dos Batistas da CBB. E cheguei a duas conclusões, uma pior que a outra: ou eles serão cooptados pela Teologia do Domínio, do Silas Malafaia & Cia, ou formarão uma nova Convenção que já tem nome - Convenção Batista Reformada - CBR! Eu não sou profeta e nem filho de profeta! Mas estou avisando (Entrevistado 12, CEBI, Biblista, 2024).

Não cabe discutir a tendência mundial da teologia do domínio que tem aparecido nos congressos de extrema direita em todo o mundo. Parte-se do princípio de que a religião cristã é posta como uma verdade absoluta. Agrupando várias tendências cristãs fundamentalistas, inclusive integralistas católicos que postulam uma política exclusivamente religiosa, de base bíblica, a ser aplicada em toda a humanidade com a exclusão de qualquer outra expressão, tida como falsa e, por isso, sem direito de existir. É a ideologia totalizadora central para a direita cristã no campo da política e dos costumes. No Brasil os representantes dessa teologia estão a todo vapor na imagem da ex-primeira dama e o ex-presidente.

Para a ex postulante da congregação religiosa Irmãs de Nossa Senhora de Namur ou Notre Dame como é conhecida popularmente, geógrafa e professora da Universidade

Federal do Pará, uma das fundadoras do Comitê Dorothy e da Fraternidade Emaús, se intitula ‘desigrejada’ pelas seguintes questões,

Me afastei da Igreja Católica, quando a igreja se afastou dos clamores do povo, da sua luta e das suas dores. Passando a centrar suas celebrações e organizações de base em uma espiritualidade pentecostal (como exemplo a Renovação Carismática Católica. As celebrações não falavam mais da vida, mas do pecado. Não denunciavam as injustiças, mas as justificavam. Não era mais um espaço onde os pobres se sentiam bem e acolhidos. Se tornou uma igreja puritana, moralista e associada à mercantilização da fé (Entrevistada 1, Comitê Dorothy / Fraternidade Emaús, Geografa, 2024).

É do conhecimento público que os dissidentes da Igreja Católica no Brasil, tiveram grande atuação na eleição presidencial em 2018, embora não de forma oficial pela hierarquia, mas por meio dos grupos conservadores, tendo um destaque especial a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Canção Nova, que pediam abertamente para que não se votasse em nenhum candidato da esquerda, elegendo candidatos “contra a ideologia de gênero”, pois só assim o Brasil seria renovado. (Villaseñor, 2021, p.15).

Outro fator, é que os desigrejados são vinculados por várias causas, não tem uma causa única. O fato de pertencer ao mesmo território percebe-se que os conflitos por terras, a intolerância religiosa e o que afeta os direitos das mulheres e juventudes, compõem os três grupos em sua identidade coletiva. Tal identidade é entendida como a consciência coerente e duradoura que consolida e representa um grupo, e ajuda a criar e elaborar o sentimento de pertencimento às causas que esses grupos estão inseridos e atuam em defesa. Nesta perspectiva, a identidade coletiva desempenha um papel essencial na orientação da ação coletiva, por estar na base da construção de um consenso entre os atores envolvidos (BARDIN, 1979). Ela facilita a criação de laços afetivos e proporciona uma união mobilizadora entre indivíduos que até então permanecem isolados, produzindo estímulos para que estes abandonem a atitude free-rider (Stigler, 1971).

Mantenho o vínculo com grupos e pessoas que acreditam em uma espiritualidade libertadora que está comprometida com a vida e a luta do povo e reafirma a radicalidade do evangelho e a escolha preferencial pelos pobres. Isso nos move, nos junta. Nós nos reconhecemos pelo modo como celebramos, pelas canções, pelo anel de tucum, mas sobretudo por estar na luta sem perder nossa espiritualidade. (Entrevistada 1, Comitê Dorothy e Fraternidade Emaús, Geografa, 2024).

Este fundamento identitário é compreendido por Lefèvre e Lefèvre (2006, 2002) e Brandão (1996, p. 107), como um “discurso social em articulação com suas representações sociais da ação coletiva” e complementando este pensamento temos aquilo que significa as “conexões individuais construídas pelo sujeito em sua interação com a

realidade social, do mesmo modo que a realidade social constitui-se da multiplicidade de experiências individuais” (Avantara; Vesce, 1999, p. 2213).

É muito importante para os que se intitulam desigrejados “celebrar a vida na sua essência, sem esquecer a realidade, ao contrário celebrar esperando, celebrar agindo contra todas as formas de desrespeito ao ser humano e a natureza, a mãe terra” (Entrevistada 6, biblista CEBI, 2024).

As celebrações distantes da realidade da vida, são reflexo de uma Igreja conservadora, arcaica, retrógrada, fruto de movimentos como Tradição Família e Propriedade (TFP). Movimento que vem novamente crescendo e influenciando no comportamento de muitos católicos, condenando o comunismo, a ideologia de gênero, a teologia da libertação, catequização indígena, contra o aborto de crianças estupradas, as propostas do Papa Francisco. É uma igreja que defende os concílios anteriores ao Concílio Vaticano II, que abriu as portas para uma igreja do “Povo de Deus”.

A teóloga feminista Tea Frigerio, assessora do CEBI, sustenta a ideia de que o crescimento do percentual das religiões não cristãs e de pessoas que estão fora das estruturas da Igreja materna deve-se a estrutura patriarcal, onde o cristianismo como religião e sua elaboração teológica esteve dominada pela perspectiva do masculino, enfatizando que “[...] é preciso redescobrir a dimensão da casa, uma igreja doméstica que brota do chão, da simplicidade acolhedora que toma distância das estruturas patriarcais, que abandona toda a discriminação e que substitui a religião do templo com a religião do cotidiano e da vida” (Frigerio, 2022, p.42).

O aumento das pessoas que se declaram sem religião, Igreja ou grupo religioso, deve-se, de acordo com Alves (2015, p.01) ao aumento da dispersão em que as novas gerações “vivem em um mundo diferente daquele dos seus antepassados e são mais suscetíveis à migração religiosa, às novas formas de pertencimento e às diferentes experiências religiosas, não necessariamente institucionalizadas”. O testemunho a seguir reflete muito bem essa forma de pertencimento,

Um dia participei de um curso de formação de liderança onde o assessor (não lembro se o Mosconi ou a Téa) citou que no evangelho Jesus fala somente duas ou três vezes em Igreja e o restante é somente missão. Desde então, encontrei sentido na minha atuação na Igreja Católica. Minha presença na Igreja só tem sentido se for em ações sociais, atividade social, com a forte guinada da Igreja para fortalecer a parte espiritual, o esvaziamento das CEB's, de cunho social e das pastorais sociais; esse processo de esvaziamento motivou o meu afastamento. (Entrevistado, 14, em grupo, sociólogo, 2024).

A espiritualidade libertadora tão vivida em seu tempo de coordenação de pastoral de nível regional e estadual, é também, a justificativa da advogada que hoje trabalha no Ministério Público do Pará, quando justifica “o principal motivo do meu afastamento das estruturas da Igreja Católica foi o fato de perceber que a Igreja Católica não é um espaço para todos e todas e não trabalha o SER nas variadas dimensões em que está inserido e vive”. (Entrevistada 09, Fraternidade Emaús, Advogada, 2024). Isso a fez vir aceitar de imediato a participar da Fraternidade Emaús, pois por opção “Mantenho vínculo com alguns setores que possuem uma prática pastoral mais autêntica em relação ao evangelho, que trabalham a espiritualidade como elo entre a fé-vida, a justiça -paz, o evangelho -luta por terra-pão e direitos (*Idem*, 2024).

É importante observar nas falas, o silêncio e a busca pela memória de um “tempo” de unidade da igreja, seja a pessoa de tradição católica, evangélica luterana, presbiteriana ou anglicana. O ‘primeiro amor’ como foi mencionado por alguns entrevistados ou o ‘encanto’ como nas relações amorosas que o tempo permitiu viver e acreditar na democracia, na participação, no diálogo, caminhar juntos para transformar a realidade. A doação, a partilha, o protagonismo se dissolveu na sinergia e na herança da Igreja, no caso, da ICAR, que vem de uma milenar tradição clericalista, autoritária e misógina.

Há também as motivações para se manter vinculado a alguns setores de igrejas, pois para o entrevistado 14, ao mudar para outro Estado, buscou grupos que correspondessem às suas atividades profissionais, e assim refletiu,

Aqui no Amazonas, estou mantendo vínculo com ações da igreja onde há ação social, envolvimento com formação comunitária e com a busca de política pública. Em poucas palavras. A vinculação do evangelho e prática social é essencial para manter o vínculo com a Igreja (Entrevistado 14, sem grupo, Sociólogo, 2024).

Da mesma maneira a Entrevistada 09, diz “mantenho vínculo com alguns setores que possuem uma prática pastoral mais autêntica em relação ao evangelho, que trabalham a espiritualidade como elo entre a fé-vida, a justiça-paz, o evangelho - luta por terra-pão e direitos.

3- RITUAIS DE RESISTÊNCIA: CELEBRANDO A JUSTIÇA E A ESPERANÇA

3.1 Fraternidade Emaús

Desde a sua origem, em conversa de organização mínima, era não se formalizar uma estrutura vinculada a qualquer outra Igreja ou grupo, com as burocracias estabelecidas para reger o grupo Fraternidade Emaús. O objetivo do grupo, mesmo

estando vinculado ao padre salesiano/diocesano e vinculado a alguns setores da ICAR, eram as celebrações inclusivas, ecumênicas, inter-religiosa, cuja experiência fosse inter-espiritual, levando ao diálogo com a realidade do Brasil, América Latina e do mundo; primando por uma teologia libertadora, pois as celebrações são inseparáveis da libertação. Sendo guiado por três elementos: realidade, evangelho e a partilha entre nós. No intuito de recuperar o que há de “libertador em cada religião” (Mãe Nagtu, 2023).

Os rituais que congregam os desigrejados elevam as Divindades, elas não se limitam a um templo ou igreja de pedra. A Divindade se reflete na ação de solidariedade e respeito à vida humana e à natureza, respeito à criação, a todos os seres viventes; animais, plantas, terra, sol, vento, fogo. Tudo é sagrado, tudo é Divino.

A seguir o roteiro da Celebração Inter-religiosa Unidade pela Paz.

Quadro 2: Roteiro da celebração Unidade pela Paz em homenagem ao Pe. Bruno Sechi

Celebração Inter-religiosa da Unidade pela Paz

Tema: “*Não nos deixe perder a esperança*” Pe. Bruno Sechi

I. ACOLHIDA (momento de acolhimento e contextualização da celebração).

Animadores da Celebração: Reverendo Marcos Barros e Tânia Miranda ou Alcidema Magalhães

- Boas vindas/nossas motivações e quem somos
- Memória da celebração da unidade pela paz a partir da reflexão “*Não nos deixe perder a esperança*” Pe. Bruno Sechi.

Canção: Utopia (Zé Vicente) - enquanto um músico canta e toca, passar imagens das celebrações de 2018 e 2019, bem como de celebrações inter-religiosas celebradas nas ruas, nos atos públicos, com a presença do Pe. Bruno.

Músico: Alan Chaves (Igreja Luterana)

Momento de recolhimento: olhar brevemente para as injustiças e exclusão social no mundo, os retrocessos, as perdas de quem amamos. Internalização profunda que nos impulsiona a darmos as mãos e continuarmos juntos sonhando por um mundo de paz. Antônia Brioso.

II. PARTILHA DA PALAVRA (momento de partilha das reflexões trazidas pelas representações religiosas envolvidas).

Canção: “Palavra não foi feita para dividir ninguém” (Irene Gomes)

Musicista: Jesus Gonçalves (Fraternidade Emaús)

- **Palavra partilhada:** cada representação religiosa terá 3 minutos para compartilhar a sua reflexão, trazer a sua palavra sobre “Paz, esperança, unidade e profetismo na atualidade”, nesse momento também, podem fazer memória ao Pe. Bruno.

Celebrantes: Comunidade Ananda Marga – Monge Dada (Andrea), Comunidade Anglicana – Bispa Marinez, Comunidade Batista – Pastora Marizete, Comunidade Católica – Mons. CID, Comunidade da Assembleia de Deus – Pastor Haroldo ou outro, Comunidade da Assembleia de Deus – Pastor Ariel Ribeiro, Comunidade da Igreja Quadrangular – Pastor Marcos, Comunidade de Matriz Africana – Mãe Nalva, Comunidade de Matriz africana – Mãe Nanjetu, Comunidade espírita Ivon Costa – Nelson, Comunidade Hari Krishna – Francisco Hare, Comunidade Islâmica – Irmão Hussein, Comunidade judaica – Rabino



Moisés, Comunidade Luterana – Pastor Toninho, Comunidade Messiânica – Ministro Paulo, Comunidade Metodista – Pastor Charles Comunidade Presbiteriana Independente – Rev. Claudio, Comunidade Presbiteriana Unida – Rev. Comunidade Sei-cho-no-ie – Michio Takizawa, CAIC – Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs, Movimento das crianças e jovens – Emaús, Movimento de mulheres – GMB, Movimento negro – Zélia Amador OUTRAS ENTIDADES: SDDH, UNIPOP , IPAR, FASE, CPT Norte II, GMB, NEP , CEBI UFPa – Reitor Coutinho

Obs.: **A cada três falas** cantaremos refrãos de canções populares ou religiosas.

Músico: Alan Chaves

III. AÇÃO DE GRAÇAS

Motivação pelo Padre Mosconi (2 minutos): O que nos alimenta como sonhadores/as e lutadores/as da paz? Que profecias estão diante de nós? Sinais de esperança em meio a pandemia, a crise. Como gesto de esperança, cada pessoa **partilha o pão**. (Apresenta e partir o pão) / Pode também escrever em um papel uma palavra de esperança. Conduzir para a simbologia que representa seu segmento/sugerir o pão



Será apresentado um vídeo (pequeno) com falas do Padre Bruno. (Francisco- responsável pela produção do vídeo)

- será produzido para posterior um vídeo com falas de religiosos sobre a unidade pela paz

Canção final:

Vídeo da canção ecumênica (Padre Zezinho)

Sementes do Amanhã (Gonzaguinha) Juçara/ Rafael Lima

Acervo: Fraternidade Emaús, 2021.

3.2 Comitê Dorothy

Ir. Dorothy Stang pertence a um tempo de Igreja que acompanha os processos de organização da vida cotidiana dos trabalhadores rurais, “que, subordinados nos processos de expropriação, fragmentação e apropriação do território pelo capital” (Schreiner, 2002, p. 12-13) onde a comunidade e os trabalhadores, motivados pelos referenciais político-religiosos da Teologia da Libertação, mediados em particular pela Comissão Pastoral da Terra – CPT são levados a traduzir seus próprios valores em movimentos que se caracterizam como resistência transformadora, com repercussões para além do local.

Sua participação na CPT foi de construção de uma mística a partir do estudo dos fundamentos do modelo de modernização excludente implantado durante o ciclo militar. As expressões como “Terra para quem nela trabalha” e “A terra é uma dádiva de Deus”, (Vanderlinde, 2012, p.83), passaram a ser incorporadas não só pela CPT, mas por setores da Igreja Católica e outras igrejas cristãs em seus devidos espaços de atuação e, em alguns momentos, conjuntamente manifestados e transmitidos mediante os cantos, as imagens, os rituais, as orações, os cadernos de formação, os materiais de apoio para reuniões nas CEB's e de preparação para as Romarias da Terra.

A teologia da libertação, na ação mediadora das pastorais e serviços das Igrejas comprometidas com esse tipo de teologia, atualizou os valores de uso da terra e, através da interpretação bíblica, deu legitimidade moral à mobilização dos trabalhadores “sem terra ou com pouca terra” (Iokoi, 1996, p. 35) que, fortalecidos pela ideia, passaram a realizar ocupações transformadas em acampamentos e, posteriormente, assentamentos. Em outros setores – particularmente, aqueles ligados aos estudiosos de esquerda – é realizada a cobrança à igreja, por ter em seu poder, grande concentração de terras que foram herdadas no período colonial, além das concedidas pela nobreza portuguesa.

Em 2022, realizou-se a Jornada Internacional Dorothy em defesa da Amazônia, pelo legado de Dorothy e pelo Fora Bolsonaro. Até os dias atuais, o Comitê Dorothy, anualmente organiza atividades em memória à missionária, assassinada em 12 de fevereiro de 2005, no município de Anapu, no Estado do Pará - Brasil, a mando do latifúndio daquela região, onde há uma grande mobilização de organizações políticas, sociais, religiosas, coletivos, movimento estudantil, instituições acadêmicas, mandatos comprometidos com a causa, artistas e lutadores de povo que, historicamente, são parceiros das atividades do Comitê. A seguir a programação realizada em 2022.

Figura 2: Programação da Jornada Internacional Dorothy Stang, 2022.



Fonte: Acervo Comitê Dorothy, 2022.

3.3 Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos 40 anos

O CEBI desde a sua fundação em 1979, nasce como uma organização ecumênica que reconhece e pratica um método de ler e interpretar a Bíblia, a partir da realidade e em defesa da vida. Em 2024 completa 45 anos a serviço da Palavra, capacitando pessoas,

grupos e comunidades para ler e interpretar a Bíblia nas suas relações com a vida, afim de que encontrem caminhos de libertação e motivação para transformar suas realidades. Mantém-se essencialmente ecumênico, estimulando o ecumenismo a partir da base, para despertar o potencial ético e de defesa da vida, presente nas igrejas e religiões. Nestes 45 anos o CEBI tem se engajado no fortalecimento da cidadania, na promoção da dignidade humana, da justiça social e da solidariedade transformadora e vem contribuindo decisivamente no estabelecimento de novas relações de gênero baseadas na liberdade, na justiça e igualdade, para que homens e mulheres tenham respeitadas suas opções.

Em suas celebrações invocam Ruah Divina, colocando no centro a contextualização da teologia da criação, em especial onde estamos localizados, a criação no contexto amazônico para dar resposta ao sofrimento ecológico, humano e a injustiça que prevalece neste bioma. Nos últimos anos tem se interligado com os dons oferecidos pelas tradições indígenas, sincréticas e interculturais. Tem se aproximado por meio de parcerias com as comunidades indígenas e quilombolas para “vivenciar e curar os corpos e o corpo da terra nos rituais, celebrações, pajelanças e benzições” (Frigerio, 2022, p. 36).

Percebe-se nas celebrações a espiritualidade encarnada na realidade ecológica. Poemas, cantos de comunidades e música popular brasileira se entrelaçam nos momentos de mística. Prima-se pela participação dos presentes, dando sentido ao que considera *eclesia* – quando se está reunido.

Quadro 3- Celebração 40 do CEBI da Região Norte – Pará – Maranhão e Piauí Imperatiz (MA).

Celebração 40 do CEBI da Região Norte – Pará – Maranhão e Piauí

40 ANOS DO CEBI

MANTRA DE ACOLHIDA

VIDEO: LAMENTOS DA AMAZÔNIA

Procissão de entrada, composição do centro com imagens da Amazônia em chamas, cinzas, folhas secas e queimadas, água com mercúrio, caulim, barrenta, soja.

CANTO: O mundo que eu quis (Benedito Prado)

Não é esta aqui a natureza que eu quis.
Que Tomba indefesa, perdendo a beleza.
Trazendo a tristeza, na terra que eu quis.

Não é esta aí a terra que eu quis.
Desfeita em pedaços por grandes ricos,
Por mãos criminosas do homem que eu fiz.

Não é este aí o homem que eu quis.
Que Vive oprimido, que anda perdido.
Que Cai abatido no mundo que eu fiz.



**Será que eu falhei? Me digam vocês!
Será Que eu pus muita água no mar?
Será Que é o calor do meu sol a queimar?
Se acaso é assim, perdão, eu errei!**

Agora eu lhes digo o mundo que eu quis:
As estrelas não brigam, o sol não se afasta,
O mar não soçobra na terra que eu fiz.

Agora eu lhes digo a terra que eu quis:
Sem ódio, sem guerra, sem tanta injustiça,
Que ferem meu filho, o homem que eu fiz.

Agora eu lhes digo o homem que eu quis:
Um homem liberto, fraterno e aberto,
Fazendo da vida um canto feliz.

Será que eu falhei, por ser bom demais?
Será que o Amos, a justiça e a Paz
Não valem mais nada no mundo que é meu?

Se acaso é assim, perdão, eu errei



ENTRONIZAÇÃO DA BÍBLIA

CANTO:

POVO NOVO

1. Quando o espírito de Deus soprou,
o mundo inteiro se iluminou.
A esperança na terra brotou
e o povo novo deu-se as mãos e caminhou...

Lutar e crer, vencer a dor, louvar ao Criador!

Justiça e Paz hão de reinar e viva o amor!

2. Quando Jesus a terra visitou, a Boa Nova da justiça anunciou: o cego viu, o surdo escutou/e os oprimidos das correntes libertou...

LEITURA DO TEXTO DE ISAÍAS 65, 17-25

Repetir as frases que chamam mais atenção

CANTO: TEMPO DE GRAÇA

Venham todos cantemos
Um canto que nasce na terra
Canto novo de paz e esperança
Em tempo de guerra
Neste instante há inocentes
Tombando nas mãos de tiranos
Tomar terra, ter lucros matando
São esses seus planos

Lavradores, Raimundo, José, margarida, nativo
Assumir sua luta e seu sonho
Por nós é preciso
Haveremos de honrar
Todo aquele que caiu lutando
Contra os muros e cercas da morte
Jamais recuando

**Eis o tempo de graça
Eis o dia da libertação
De cabeças erguidas
De braços unidos irmãos
Haveremos de ver qualquer dia
Chegando a vitória
O povo nas ruas
Fazendo a história
Crianças sorrindo em toda a nação**

FAZER O REFLORESTAMENTO DA TERRA
Procissão com flores, frutos, folhas verdes.

Salmo 146
Canto final: PAI NOSSO DOS MÁRTIRES DA TERRA

Pai nosso, dos pobres marginalizados
Pai nosso, dos mártires, dos torturados
Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão
O, o, o, o, o, o, o, o
Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões
O, o, o, o, o, o, o, o

Fonte: Acervo CEBI – Pará, 2019.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os chamados desigrejados, entendem que todos formam o corpo da igreja, o que significa a não-necessidade de pertencer ao rol de membros ou se reunir em um templo institucional.

Esse desencantamento e contrariedade com as mediações históricas, sociais e institucionais ‘modernas’, inclusive a ciência, a razão, a política, os direitos humanos etc., calha perfeitamente com as exigências do capitalismo imperante, de eliminar todos os obstáculos críticos que possam interferir no exercício da produção do livre mercado. Em outras palavras, desacreditar o papel do Estado e da cidadania, em reivindicar dignidade, igualdade e garantir a assistência às pessoas, significa tornar serviços básicos como

saneamento, educação e saúde não mais como direitos inalienáveis, mas como negócios e fonte de renda acessíveis somente a quem tem dinheiro e, portanto, a quem merece.

Além do mais, visto que já não se pode acreditar mais em mediações, professores, médicos, juízes, padres, jornalistas, cientistas, cada sujeito está livre e solto para construir sua própria ‘verdade’, que pode ser verdadeira ou não (não importa), mas que pelo menos não segue nenhuma autoridade infalível, nenhum dogma imposto, nenhuma camisa de força, libertando a imaginação, considerando um leque de possibilidades e abrindo caminhos à atenção, à sedução e à fantasia.

O fenômeno desigrejados é, também, um movimento dissidente, que rompeu o vínculo com as Igrejas existentes e que se recusa a congregar. Ao mesmo tempo, apresenta-se com duras críticas e propostas de reformas, pois não acredita mais na necessidade e relevância da Igreja institucional. Estão inseridos em movimentos com natureza organizada, com lideranças, local para cultos, literaturas, sites e toda uma teorização que procura justificá-los teologicamente.

Obviamente, a intenção não é de um retorno ao cristianismo primitivo e comunitário e também não se trata de saudosismo, conforme já citado, mas estes acontecimentos, além das convicções teológicas defendidas pelos desigrejados ou das situações da Igreja institucional, são fatores que permeiam o mundo e, conseqüentemente, a religião, onde o ritual tem uma dimensão religiosa lúdica.

É importante enfatizar o teor das celebrações valorizadas as dimensões da luta pela terra, pela reforma agrária, pelo meio ambiente, pela democracia, que variam conforme a conjuntura e as lideranças religiosas que estão na área, e como assumem o projeto.

Consideramos importante a trajetória dos três grupos na reunião em eventos que são representativos não só de memória, mas também de denúncia e reivindicação, pois também estão e participam da Romaria das águas e da floresta para lembrar Padre Josimo Tavares, assassinado em 10 de maio de 1986, com 33 anos, coordenador da CPT do Araguaia Tocantins. A romaria faz lembrar a sua luta e as lutas atuais, o combate ao trabalho escravo, o fim da violência, questões relacionadas aos direitos da mulher ou da juventude etc. “Romaria dos Mártires da Floresta” é assumida pela Comissão Pastoral da Terra. A Romaria da Floresta lembrando Dorothy faz parte da agenda desses grupos.

REFERÊNCIAS

- AVANTARA, Anelise Montanes; VESCE, Gabriela Eyng Possolli. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE e III CONGRESSO IBERO - AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS – CIAVE, 2008, Paraná. **Anais Eletrônicos**. Paraná: PUC, 2008.
- ALVES, J.E.D. A encíclica Laudato Si: ecologia integral, gênero e ecologia profunda. *HORIZONTE –Revista de Estudos de Teologia e Ciência da Religião*, v. 13, n.39. p. 1315 – 1344, 30 set. 2015.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BILHALVA, Alexandre O. Os “Desigrejados”. Estudo sobre o Fenômeno da Desinstitucionalização Contemporânea nas igrejas Evangélicas. Dissertação de Mestrado em Teologia. Programa de Pós-graduação Em Educação. Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020, p. 114.
- BRANDÃO, Nagamine H. Helena. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo: Unicamp. 1996.
- CAMPOS, Idauro. *Desigrejados. Teoria histórica e contradições do Nilismo Eclesiástico*. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.
- DOCUMENTO DE APARECIDA**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007. **Documento** Pontifício, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II, São Paulo, Loyola, 1989.
- FRIGERIO, Tea. **Sabedoria...Sonhar...Sabedoria**. Caderno do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano. Ed. Brasileira. N. 7, 2020.
- FRIGERIO, Tea. **Decolonizar o que foi colonizado**. Caderno do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano. Ed. Brasileira. N. 8, 2021.
- IOKOI, Zilda Gricoli. **Igreja e camponeses**. Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no campo Brasil e Peru 1864-1986. São Paulo: FAPESP - HUCITEC, 1996.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. **Comunicação. Saúde, Educ.** USP, São Paulo, v, 10, n. 20, p. 517 - 524, jul./dez., 2006. (Interface)
- MATINEZ, Francisco Javier. Por uma Igreja pobre e servidora. Processos decoloniais na Amazônia. Caderno do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano. Ed. Brasileira. N. 7, 2020.
- Stigler, 1971,
- SCHREINER, Davi Felix. Entre a exclusão e a utopia: um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais – região sudoeste/oeste do

Paraná. 2002. 461 fl. **Tese** (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2002.

Stigler, G. J. (1974). Free Riders and Collective Action: An Appendix to Theories of Economic Regulation. *The Bell Journal of Economics and Management Science*, 5(2), 359-365.

VANDERLINDE, Tarcísio. A peregrinação por um novo território. UNIOESTE **III Colóquio Cultura e Memória Social**. Marechal Cândido Rondon: Paraná, 2007 p. 84-102.

VILLASEÑOR, Rafael López. **Fake News e religião no desempenho político**. Caderno do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano. Ed. Brasileira. N. 8, 2021.

Site consultados:

<https://religioepoder.org.br/artigo/o-tamanho-institucional-da-religiao-no-censo-do-ibge/>